

CONFIANÇA INTELECTUAL E AUTORIDADE EPISTÊMICA

A motivação geral para confiar intelectualmente nos outros é que seres humanos necessitam de crenças verdadeiras sobre seu ambiente para guiar suas ações a serem bem-sucedidas. As posições contemporâneas acerca da confiança intelectual podem ser mais bem compreendidas se voltarmos à tradição e atentarmos para três filósofos que elaboraram teorias fortes sobre o assunto (FOLEY, 2005): John Locke, David Hume e Thomas Reid. Posições que ainda hoje são teorias especificadoras de tipos de confiança intelectual. Locke defendeu a posição de que outras pessoas não são fontes de conhecimento, então, confiar nas outras pessoas não é uma opção, já que o conhecimento deve ser adquirido de modo autônomo. Hume reconheceu a importância e a necessidade de confiar intelectualmente no testemunho de outros, mas o investigador como um agente epistêmico autônomo. E Reid efetivou a possibilidade da atitude de confiança epistêmica possuir um papel epistemológico primário.

O presente projeto de pesquisa pretende investigar o papel da autoconfiança intelectual e da confiança intelectual nos outros a partir da conexão com a epistemologia social e outras relevantes teorias epistemológicas. A confiança intelectual se faz necessária na aquisição, agregação e distribuição de conhecimento factual, implicando, assim, na atribuição de autoridade epistêmica. Compreender a natureza epistêmica da confiança intelectual (ORIGGI, 2004) e a atribuição de autoridade intelectual constitui, portanto, o objetivo da inquirição.

O método utilizado consistirá em uma análise dos conceitos de “confiança intelectual” e “autoridade epistêmica” e dos principais termos relacionados, buscando avançar na compreensão da sua utilização no discurso epistemológico contemporâneo. Essa análise será precedida de três momentos: (1) Uma interpretação de textos guiada pela reflexão racional, visando fazer uma apresentação crítica sobre o tema abordado; (2) O estabelecimento de um diálogo crítico, visando estimular perguntas esclarecedoras sobre todos os aspectos pertinentes das questões controversas sobre as teorias epistemológicas implicadas; (3) Uma análise crítica dos argumentos oferecidos pelos vários interlocutores.

A confiança é uma atitude discriminatória. Valorizamos a confiança porque nos julgamos capazes de confiar nos demais. A nossa disposição para confiar não é sustentada pela crença sobre a confiabilidade, mas pela presunção de que a confiança responderá, em certa medida, às nossas dependências. A confiança deve ser entendida sob duas formas distintas: previsível e afetiva. Confiança previsível é uma atitude de dependência, com base no comportamento previsível do outro. Confiança afetiva é uma atitude de dependência, que é suscetível a atitudes reativas, caso o confiado se mostre desleal. A confiança é um pressuposto para transmitir conhecimento. Ela possibilita gerar conhecimentos coletivos. A genealogia (imaginária) da confiança é afetiva e, como em qualquer sociedade, há a relação de cooperação (FAULKNER, 2007). A confiança afetiva é fonte de toda a confiança que temos hoje. Depositamos confiança nas pessoas do nosso grupo para poder, através do reconhecimento da dependência, haver a consolidação da obtenção de informações verdadeiras.

REFERÊNCIAS

- FAULKNER, P. A Genealogy of Trust. *Episteme*, 2007, p. 305-321.
FOLEY, R. Universal Intellectual Trust. *Episteme*, 2005, p. 05-12.
ORIGGI, G. Is trust an epistemological notion? *Episteme*, 2004, p. 01-12.